



# Carta ao Padre Raynal sobre o uso dos utensílios de cobre

## Lettre à l'Abbé Raynal sur l'usage des ustensiles de cuivre

### Letter to Abbé Raynal on the use of copper utensils

Em 1753, o *Mercure de France*, publicou uma carta do filósofo Jean-Jacques Rousseau, com o título “Carta ao Padre Raynal sobre o uso dos utensílios de cobre”. A presente carta integra o 10º volume da edição de *Œuvres Complètes de Jean-Jacques Rousseau, Édition thématique du Tricentenaire, Slatkine/Honoré Champion*, intitulado escritos científicos. Para a tradução da referida carta, utilizamos, também, a edição de *Œuvres complètes de Rousseau*, editada em Paris por Armand-Aubrée (1832) e a edição norte-americana organizadas por Christopher Kelly (2007), intitulada *Autobiographical, scientific, religious, moral, and literary writings*. A tradução da carta preservou as notas em língua francesa, que são de autoria de Christophe Van Staen, indicadas por [N. C.V.S] e as notas de Rousseau por [N. Rousseau], além das notas dos tradutores indicadas por [N. T].

[junho 1753]

Acredito, Senhor, que verá com prazer, em anexo, o extrato de uma carta de Estocolmo que a pessoa a quem é dirigida me encarregou de lhe pedir que inserisse no *Mercure*. Seu objeto é de extrema importância para a vida dos homens; e quanto mais excessiva a negligência do público a esse respeito, mais os cidadãos esclarecidos devem redobrar seu zelo e atividade para superá-la.

Todos os químicos da Europa já nos alertam há muito tempo sobre as qualidades mortais do cobre e sobre os perigos aos quais nos expomos ao fazer uso deste metal pernicioso em baterias de cozinha. O senhor Rouelle, da Academia de Ciências, é quem demonstrou de forma mais clara os seus efeitos fatais e quem fez as reclamações mais veementes a respeito. O senhor Thierry, doutor em medicina, reuniu numa erudita tese, que defendeu em 1749 sob a presidência do senhor Falconet, uma infinidade de provas capazes de



2

assustar qualquer homem sensato que dê alguma importância à sua vida e a dos seus concidadãos. Esses físicos demonstraram que o verdete ou cobre dissolvido é um veneno violento, cujo efeito é sempre acompanhado de sintomas horríveis; que até o vapor deste metal é perigoso, pois os trabalhadores que o manipulam estão sujeitos a várias enfermidades fatais ou crônicas; que todos os fluidos, gorduras, sais e até mesmo água dissolvem o cobre e o transformam em verdete; que a estanhagem mais perfeita apenas faz com que essa dissolução diminua; que o estanho que se emprega nessa estanhagem não está isento de perigo, apesar do uso indiscriminado que tem sido feito deste metal até o presente, e que este perigo é maior ou menor de acordo com os diferentes tipos de estanho que são empregados, na proporção do arsênico que entra em sua composição, ou do chumbo que entra em sua liga; que, mesmo supondo na estanhagem um cuidado adequado, é uma imprudência imperdoável fazer depender a vida e a saúde das pessoas de uma lâmina de estanho muito fina, que se desgasta muito rapidamente, e na precisão dos criados e cozinheiros que normalmente rejeitam os recipientes recentemente estanhados por causa do gosto ruim que dão os materiais usados na estanhagem. Eles mostram quantos acidentes horríveis produzidos pelo cobre são atribuídos todos os dias a causas inteiramente diferentes; eles provaram que uma multidão de pessoas morre, e que um número ainda maior é atacado por milhares de doenças diversas pelo uso desse metal em nossas cozinhas e em nossos chafarizes, sem que eles suspeitem da verdadeira causa de suas doenças. No entanto, embora a manufatura de utensílios de ferro batido e estanhado, que se estabelece no *Faubourg Saint-Antoine*, ofereça formas fáceis de substituir em cozinhas uma bateria menos dispendiosa, tão convenientes quanto a de cobre, e perfeitamente saudáveis, pelo menos quanto ao metal principal, a indolência usual dos homens sobre as coisas que lhes são verdadeiramente úteis, e as pequenas máximas que a preguiça inventa sobre as práticas estabelecidas, principalmente quando são ruins, têm permitido até agora apenas um pequeno progresso nas sábias advertências dos químicos, e apenas proibiram o cobre de apenas algumas poucas cozinhas. A repugnância dos cozinheiros a usarem outras vasilhas que não as que conhecem é um obstáculo cuja força só se faz sentir quando se conhece a preguiça e a gula dos mestres. Todos sabem que a sociedade está repleta de pessoas que preferem a indolência ao descanso e o prazer à felicidade; mas é difícil conceber que há pessoas que preferem



se arriscar, eles próprios e toda a sua família, a perecer em tormentos horríveis, em vez de comer um ensopado queimado.

É preciso, portanto, raciocinar com os sábios e nunca com o público. Há muito tempo a multidão foi comparada a um rebanho de ovelhas por muito tempo; é preciso dar exemplos em vez de argumentos, pois todos temem muito mais ser ridicularizados do que ser tolos ou perversos. Além disso, em todas as coisas que dizem respeito ao interesse comum, já que quase todas as pessoas julgam de acordo com suas próprias máximas, estão menos apegadas a examinar a força das provas do que a penetrar nos motivos secretos de quem as propõe: por exemplo, muito leitores honestos suspeitariam de bom grado que, com dinheiro, o chefe da fábrica de ferro batido ou o autor das fontes domésticas está animando, nesta ocasião o meu zelo; desconfiança bastante natural neste século de charlatanismo, em que os maiores malandros sempre têm o interesse público na boca. O exemplo é, nesse caso, mais persuasivo do que o raciocínio, porque a mesma desconfiança tendo, provavelmente, surgido na mente de outras pessoas, somos levados a crer que aqueles, a quem ela não impediu de adotar o que se está propondo, encontraram razões decisivas para tanto. Assim, em vez de me fixar a mostrar o quão absurdo é, mesmo na dúvida, deixar na cozinha utensílios suspeitos de veneno, vale mais a pena dizer que o senhor Duverney acaba de encomendar uma bateria de ferro para a Escola Militar; que o senhor príncipe de Conti baniu todo o cobre de sua cozinha; que o senhor duque de Duras, embaixador na Espanha, fez o mesmo, e que seu cozinheiro, a quem ele consultou sobre esta questão, disse-lhe sem rodeios que todos os de sua profissão que não se acomodassem a bateria de ferro, tão bem quanto às de cobre, eram ignorantes ou pessoas com má vontade. Numerosos particulares seguiram este exemplo que as pessoas esclarecidas, que me entregaram o extrato, em anexo, deram por muito tempo, sem que sua mesa sentisse o menor efeito dessa mudança, exceto pela confiança com a qual se pode comer guisados excelentes, muito bem-preparado em vasilhas de ferro.

Mas o que se pode colocar diante dos olhos do público que seja mais marcante do que este próprio extrato? Se houvesse no mundo uma nação que devesse se opor à expulsão do cobre, é certamente a Suécia, cujas minas desse metal constituem sua principal riqueza e cujos povos em geral idolatram seus antigos costumes. No entanto, é este reino tão rico em cobre, que dá um exemplo aos outros, ao retirar este metal de todos os usos que o tornam



perigoso e que dizem respeito à vida dos cidadãos; são estes povos, tão apegados às suas velhas práticas, que facilmente renunciam a uma infinidade de comodidades que retirariam de suas minas, tão logo a razão e a autoridade dos sábios lhes mostram o risco que o uso indiscriminado deste metal lhe faz correr. Gostaria de poder esperar que exemplo tão salutar seja seguido no resto da Europa, onde não se deve ter a mesma repugnância de proibir, pelo menos nas cozinhas, um metal que se retira do exterior. Gostaria que as advertências públicas dos filósofos e dos homens de letras despertassem os povos para os perigos de todos os tipos, aos quais sua imprudência os expõe, e lembrassem, com mais frequência, a todos os soberanos que a preservação dos homens não é apenas seu primeiro dever, mas também seu maior interesse.

Eu sou, senhor etc.

Extrato de uma carta escrita por um senador da Suécia a uma senhora em Paris

4

Estocolmo, 8 de maio de 1753

Vós cumpriste tão prontamente, Senhora, a promessa que me fizeste de me enviar a receita da estanhagem do ferro, que não sei, na verdade, como vos apresentar todo o meu reconhecimento. Rogo-vos que recebais o meu muito humilde agradecimento por todas as dores que vos dignastes a suportar por este país, que daqui a cem anos, dever-vos-á a conservação de numerosas centenas de milhares de habitantes que o uso do cobre retirava de nosso convívio diariamente. Mandei traduzir e imprimir, em sueco, o livro do senhor. Amy ; mandei inserir em nossas gazetas e em nossos jornais literários várias dissertações que apareceram em vosso país, e em outros lugares, sobre o mesmo assunto; tudo isso teve um efeito tão grande aqui e em nossas províncias, que agora não nos ocupamos apenas a reformar as antigas baterias de cozinha, e outros utensílios de cobre para substituir por outros de ferro. Essa reforma, no entanto, não será, a princípio, tão universal como se desejaria; há cabeças nas quais os preconceitos são mais fortes do que em outras, será, pois, muito necessário dar-lhes tempo para encontrar o seu caminho. Mas, enquanto se espera isso, o que me pareceu mais importante foi dar o exemplo



ao particular por meio de uma reforma semelhante em todos os estabelecimentos que dependem imediatamente dos esforços e da ordem pública do Governo. Para este efeito o Rei já mandou redigir uma carta circular a todos os Coronéis do exército para que vendam, sem perder tempo, as panelas, os frascos e todos os demais utensílios de cobre que entram no equipamento das tropas, e que só o ferro seja empregado, daí em diante, para todos esses fins. As mesmas ordens serão dadas à Marinha assim que nossas novas fábricas estiverem em condições de suprir essas necessidades. Veja, senhora, que não estou perdendo tempo algum para realizar o que está na ordem das possibilidades. Terei a honra de lhe dar um relato do restante, à medida em que tiver novos progressos a vos transmitir.

## Notas

- 1 O químico Guillaume-François Rouelle (1703-1770), incluindo Rousseau, fez os cursos na companhia de Dupin de Francueil [N. C.V.S].
- 2 François Thierry (por volta de 1720 - após 1791), que cuidou de Rousseau em Paris e em Montmorency e Thérèse durante um de seus partos. Em 20 de fevereiro de 1749, ele defendeu sua tese sobre o uso de utensílios de cobre nas cozinhas. [N. C.V.S].
- 3 Camille Falconet (1672-1762), membro da Académie des Inscriptions et Belles-Lettres e da Académie des sciences, belles-lettres et arts de Lyon, médico de Luís XIV [N. C.V.S].
- 4 Também conhecido como azinhavre, zinabre, azebre, cardenilho ou verdete, é a camada de cor verde resultante da oxidação do cobre ou ligas que contêm cobre, como o latão [N. T.].
- 5 Que o chumbo dissolvido é um veneno fica demonstrado muito bem pelos acidentes fatais causados todos os dias por vinhos adulterados com litargírio. Assim, para usar este metal com segurança é importante saber bem quais solventes o atacam [N. Rousseau.] – Rousseau se alonga sobre os processos de falsificação de vinhos no livro III do Emílio (ET VII, p. 544 ss.). Ele também retorna à nocividade dos utensílios de cobre no Discurso sobre a desigualdade (ET V, p. 196-197) [N. C.V.S].
- 6 É fácil demonstrar que, de qualquer maneira que se faça, não se poderia, no uso dos utensílios de cozinha, ter certeza por um só dia da estanhagem mais sólida. Pois como o estanho derrete a um grau de calor extremamente inferior ao da gordura fervente, cada vez que um cozinheiro dourar um pouco de manteiga, não é possível para ele evitar que alguma parte do revestimento derreta, nem conseqüentemente o guisado do contato com o cobre [N. Rousseau].
- 7 Joseph Paris-Duverney (1684-1770), financista enriquecido com suprimentos de guerra [N. C.V.S].
- 8 Louis-François de Bourbon, príncipe de Conti (1717-1776), que se tornará o protetor de Rousseau [N. C.V.S].
- 9 Emmanuel-Félicité de Durfort, duque de Duras (1715-1789) [N. C.V.S].
- 10 Sr. barão de Scheffer, ex-Ministro Plenipotenciário no Tribunal da França [N. Mercure].



- 11 De acordo com R.A. Leigh (CC, T. 2, P. 226), esta senhora é Madame Dupin [N. C.V.S].
- 12 Joseph Amy, autor de um livro sobre Novos fontanários domésticos (1750) [N. C.V.S].
- 13 No original o termo empregado pelo autor é "police". Essa expressão é definida no *Dicionário da Academia francesa* (1694), como ordem, regulamentação observada em um Estado, em uma República, em uma cidade. Optamos, portanto, por traduzir esse termo por "ordem pública" [N. T.].

## Referências

ACADÉMIE FRANÇAISE. **Le dictionnaire de l'Académie française, dédié au Roy**. T. 2. L-Z. Paris/FR: Coignard, Vve J. B. Coignard et J. B., 1694.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Œuvres complètes de J. J. Rousseau**. Correspondance. Paris/FR: Armand-Aubrée, 1832 (Tome 14 e Tome 1).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Autobiographical, scientific, religious, moral, and literary writings**. Lebanon/EUA: University Press of New England, 2007 (v. 12).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Œuvres complètes de Jean-Jacques Rousseau**. Édition thématique du Tricentenaire. Genève: Slatkine, 2012 (Tome 10).

6

Ms. Marcos Saiande Casado

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil)

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação

Membro da Associação Brasileira de Estudos do Século XVIII

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-0926-0899>

E-mail: [marcossacasado@hotmail.com](mailto:marcossacasado@hotmail.com)

Prof. Dr. Marcos Antonio de Carvalho Lopes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil)

Orcid id: <http://orcid.org/0000-0003-2272-6788>

E-mail: [ealinguas@yahoo.com.br](mailto:ealinguas@yahoo.com.br)